



## PRECIFICANDO A POLUIÇÃO: O MERCADO DE CARBONO

**A**o falarmos sobre a poluição atmosférica, comumente apresentamos o carbono, ou mais especificamente o  $\text{CO}_2$ , como principal vilão. Isso se deve principalmente ao seu comportamento como gás estufa.

O Protocolo de Kyoto, assinado em 1997, propunha que os países reduzissem suas emissões desses gases estufa. Com a instituição de metas obrigatórias para redução de emissões para os países desenvolvidos (chamados de anexo I), surgiu o que conhecemos como “Mercado de Carbono”. Os países em desenvolvimento, não possuem metas obrigatórias, mas podem agir voluntariamente.

Funciona da seguinte forma: Para se manter abaixo da cota de emissões (ou compromissos de

redução) estipulada pelo protocolo, os países (ou empresas) podem adotar duas estratégias. A primeira é ‘comprar’ permissões. Quando um país fica aquém da sua cota máxima de emissões permitidas, pode vender o excedente para algum país que ultrapasse sua cota máxima. Isso é feito através da comercialização de certificados de emissão de gases do efeito estufa em Bolsas de Valores.

A outra opção é a ‘compensação de emissões’. Nela os países desenvolvem os Mecanismos de Desenvolvimento Limpo (MDL), que são tecnologias que se propõem a reduzir a poluição nos diversos seguimentos de serviços. Ao deixar-se de emitir carbono, são gerados “créditos de compensação” que podem ser vendidos no

mercado de carbono.

Ou seja, um país europeu que queria reduzir suas emissões, não precisa necessariamente realizar esta redução dentro de seu território. Ele pode investir em programas de reduções em países latinos (onde os custos são mais baixos), por exemplo, e assim compensar suas emissões.

Este procedimento, entretanto, não é isento de críticas. De uma forma, o Mercado de Carbono mostra que os negócios já não podem ocorrer como vinham sendo conduzi-

*Os países em desenvolvimento não possuem metas obrigatórias, mas podem agir voluntariamente*



Fonte: Autor desconhecido

## PRECIFICANDO A POLUIÇÃO: O MERCADO DE CARBONO

dos até então. Entretanto, ele conserva as mesmas características dos modelos centralizadores, limitados e desgastados dos mercados financeiros atuais (e frequentemente em crise).

A poluição é tratada como uma nova mercadoria, disponível para compra - venda e sujeita às flutuações do mercado financeiro. Tais variações no preço da tonelada de carbono podem tornar o investimento em reduções de emissões mais ou menos vantajoso. Se o preço do crédito de carbono cai muito, é mais interessante para a empresa com-

prar tais créditos, do que investir na redução da poluição ou, muito menos, diminuir sua produção (a cotação para uma tonelada de carbono estava entre US\$ 5 e US\$ 16 em 2012, segundo o portal de notícias GI ).

Temos que levar em consideração, ainda, que as metas do Protocolo de Kyoto são pouco rígidas, e que grandes poluidores não ratificaram o acordo.

Será o mercado de carbono capaz de conter as crescentes emissões de poluentes? Como precificar algo que pode por em risco os ecossistemas terrestres?

*Se um país europeu quiser reduzir suas emissões não precisa fazer isso dentro do seu próprio território*

*Os 15 países que mais emitem GEEs.  
Fonte: ipam.org.br →*

Ranking	País
1	China
2	Estados Unidos
3	União Européia
4	Brasil*
5	Indonésia
6	Rússia
7	Índia
8	Japão
9	Alemanha
10	Canadá
11	México
12	Reino Unido
13	Coréia do Sul
14	Itália
15	França

